

# ACOLHIMENTO ESTÉTICO: MEDIAÇÃO PARA PÚBLICOS ESPECIAIS NA MOSTRA DO REDESCOBRIMENTO EM SÃO PAULO

Mirian Celeste MARTINS

*Qualidade, luz, cor, profundidade que estão ai  
diante de nós, ai só estão porque despertam  
eco em nosso corpo, porque este lhes dá  
acolhida.*

Merleau-Ponty

Encontrar os ecos possíveis a serem despertados é sempre uma tarefa desafiadora. Foi essa uma de nossas tarefas no planejamento da Ação Educativa e Social da Mostra do Redescobrimto em São Paulo. Centrada no conceito de mediação, foram desenhadas ações que se preocuparam não só com a qualidade de informação contextualizada a ser oferecida, mas sobretudo, com o modo com que ela pode estabelecer vínculos com os diferentes públicos. Considerando que as obras de arte oferecem múltiplas possibilidades de leitura e que cada sujeito leitor se aproxima delas com o olhar impregnado por suas referências pessoais e culturais, potencializou-se a ação educativa no sentido de instigar encontros sensíveis entre a Mostra do Redescobrimto/SP e os seus diferentes públicos no sentido de aguçar e promover a cidadania cultural. Tal prioridade nos levou a pensar e conceber um cuidadoso trabalho junto ao público em geral e ao público das escolas, uma efetiva preparação dos educadores e um trabalho centrado no público especial.

Organizada pela Associação Brasil +500, Mostra do Redescobrimto/SP foi realizada de 23 de abril a 10 de setembro de 2000, oferecendo um panorama inédito da produção estética visual criada no território brasileiro desde as culturas

pré-cabralinas até a arte contemporânea. Para além da mera celebração, a mostra se configurava como uma reflexão crítica artística histórico cultural, que ofereceu aos mais de 1.800.000 visitantes, um instigante e original instrumento de (ré)descoberta do Brasil.

Reunindo, em 3 Pavilhões do Parque do Ibirapuera, objetos artísticos diversos em natureza e origem, a mostra se organizou em módulos curatoriais: Arte: evolução ou revolução?; Arqueologia; Artes Indígenas; Arte Afro-brasileira; Arte Popular; Negro de corpo e alma; Imagens do inconsciente; Olhar Distante; Barroco; Século XIX; Século XX - Modernismo e Arte contemporânea e a Carta de Pero Vaz de Caminha, além do Cine-caverna, com projeções com avançada tecnologia abordando a pré-história brasileira.

Frente a uma exposição tão grandiosa, que ampliava a feliz idéia de Mário Pedrosa de criar o Museu das Origens, a Ação Educativa e Social, por mim coordenada, agregava vários projetos. Cada um deles, com uma coordenação para trabalhos específicos: com educadores - Gisa Picosque, com monitores - Renata Bittencourt e para o atendimento às escolas - Teresa Rocco, cada uma com sua equipe.

Como professora do Instituto de Artes/UNESP e habituada a trabalhar com educadores leigos em arte (especialmente no trabalho de formação contínua desenvolvido pelo Espaço Pedagógico, coordenado por Madalena Freire), me sentia com ostras nas mãos. Conhecia a beleza potencial do que elas podiam gerar e do mistério que rondava este processo. Imaginava emocionada as possíveis pérolas, frutos da mãe natureza e do acaso, muitas vezes produzido pelas mãos humanas - um grãozinho alheio podia provocar o labor e o encantamento para que pacientemente, a ostra se engravidasse de beleza.

A tarefa maior da equipe da Ação Educativa era lidar com um rico universo convidando a descobertas de terras outras, como cartógrafas sensíveis que registram a expedição, como anfitriãs que preparam a recepção para milhares de convidados. E queríamos todos nesta festa. Meninos e meninas, aqueles que estão na rua ou solitários frente à televisão e aqueles ávidos para compreender o mundo. Educadores e educadoras, aqueles entusiasmados pelo ensinar e aprender e aqueles que querem dar uma espiadela na festa. Jovens, adultos, idosos e idosas, aqueles que amam a arte e aqueles que nunca tiveram acesso aos bens culturais. E gente especial, com histórias diferentes de vida, e que buscam oportunidades de ir além nas experiências sensíveis da arte.

Para que tudo isso pudesse se tornar realidade criamos muitos instrumentos e ações, como a formação dos monitores, o Catálogo do aprendiz de arte distribuído para as escolas e comunidades agendadas, a Sala do Professor - com uma equipe para assessoria aos educadores, com sua pequena biblioteca e saraus pedagógicos, as 17 turmas do curso: Intervenções educativas para a formação do Olhar (com 12 horas divididas em 4 módulos: Brisas Estéticas, Velas do Tempo, Leme Pedagógico e Mapas Temáticos) realizados nos auditórios do SESC e o Material Educativo com 35 pranchas e 2 cadernos: Mapas do tempo e do espaço e Mapas para viajantes-aprendizes. Além de uma ação específica no Projeto Cultura contra a

violência, coordenado por Cláudia Taddei em parceria com o Instituto Sou da Paz.

Numa operação tão grandiosa, que envolveu aproximadamente 600.000 visitantes entre escolas e comunidades agendadas, enfrentamos muitos sonhos e desafios, muitos problemas e dificuldades. Nem tudo foi maravilhoso, nem todas as intenções foram cumpridas como gostaríamos, mas cremos que o saldo foi muito positivo. Passos foram dados na compreensão do amplo e complexo trabalho de uma ação educativa, seja em que espaço for, e ostras se abriram, certamente, para a arte pela primeira vez.

Um desses avanços pode ser desvelado pelo trabalho desenvolvido com o público especial, coordenado por Amanda Tojal, em parceria com o Museu de Arte Contemporânea/USP. É nesse espaço instigante que Amanda vem desenvolvendo, desde 1991, o Projeto Museu e Público Especial, programa permanente de ação educativa com exposições de arte - denominadas Toque Revelador - adaptadas às questões de acessibilidade física e sensorial do espaço museográfico, incluindo material didático multissensorial e publicações em tinta e em braile.

Como encontrar os ecos possíveis a serem despertados em corpos, onde os limites físicos e/ou mentais estão presentes, é uma tarefa desafiadora, especialmente numa exposição como a Mostra do Redescobrimento/SP.

No Dicionário Crítico de Política Cultural, de Teixeira Coelho (1999:328), encontra-se um texto de Maria Helena Martins afirmando que, seguindo a tradição da Educação Especial, público especial designa o público de cultura que apresenta qualquer tipo de deficiência seja ela mental, física (auditiva, visual, motora) ou cultural, necessitando, por isso de um atendimento especial, com técnicas que permitam seu acesso físico e intelectual ao patrimônio cultural.

Poucos museus e exposições, aqui ou fora do país, têm tido um trabalho direcionado para esse tipo de acesso. Raros têm projetos

exemplares, como o do MAC/USP, coordenado por Amanda Tojal e sua equipe, ficando restritos freqüentemente a ações pontuais em exposições como a do Rodin, ou mesmo na 24ª Bienal, com um atendimento, muitas vezes, voluntário.

Na Mostra do Redescobrimto/SP tentamos profissionalizar essa ação, com a parceria com o MAC/USP. Amanda assessorou a Ação Educativa criando uma equipe supervisionada por Valquíria Prates Pereira e composta pelos monitores: Alfonso Ballester, Marlene de Macedo, Carina Lopes Santana, Cláudia Reggiane, Liz Croso Tressoldi, Sandra Regina Mesquita, Maria Aparecida Castro, Viviane Panelli Sarraf, Andrea Gonçalves, Maurício Eloy, Rita Della Rocca, Elaine C. Gomes, Cláudia Meneghelo, Ely Miura.

A divulgação do trabalho foi um dos pontos importantes para facilitar o acesso. Para isso foi concretizado um prospecto, com qualidade gráfica, que apresentava todas as ações e formas de atendimento do público especial. Ele foi a porta de entrada para as 5.000 pessoas atendidas, além de contatos telefônicos, gerando um *mailing* de instituições que prestam serviço a esse tipo de público.

O agendamento da visita também exigiu cuidados especiais. Tanto era necessário explicar e permitir a escolha de roteiros pelas instituições envolvidas, como era imprescindível conhecer mais o público visitante e suas limitações para que se pudesse planejar ações mais adequadas. Um formulário foi criado como facilitador desse primeiro contato.

Também foram realizados quatro encontros para educadores e profissionais das áreas de educação e de saúde. Nesses encontros eram fornecidas informações sobre os atendimentos a seus alunos ou pacientes e o material de apoio criado, além de provocar e fornecer subsídios para que a visita à Mostra pudesse alcançar os objetivos almejados por todos.

O trabalho com os monitores foi iniciado com uma formação específica, complementando

o curso de formação da monitoria. Ministrado por Amanda Tojal, o curso trabalhou ampliando a compreensão das várias necessidades desse tipo de público, levantando questões sobre a prática, desde visitas em cadeiras de rodas, até os cuidados de atendimento e dos potenciais de ampliação do universo de compreensão do discurso expositivo. A escolha de roteiros dentro de cada Pavilhão, assim como as obras que seriam destacadas e mesmo o aprendizado de linguagem de sinais que permitissem um contato inicial com surdos-mudos, foram temas abordados no curso preparatório.

Instrumentos de mediação, como materiais de apoio foram pesquisados, elaborados e utilizados pelo projeto. Nos três Pavilhões, mesas com maquetes visuais e táteis e legenda em braile, ilustravam os espaços externos (planta do Parque com a marquise e os três pavilhões) e o pavilhão visitado, permitindo uma melhor percepção espacial.

Além das maquetes, foram concebidas três Caixas Sensoriais (uma em cada Pavilhão) organizadas sobre rodas para facilitar o transporte, que continham os seguintes materiais de apoio:

- Reproduções com imagens em relevo de obras bidimensionais em termofórm e de obras tridimensionais em diversos materiais;
- Pranchas visuais e táteis em relevo (borracha texturizada e em alto-contraste nas cores amarelo e preto) com formas sintetizadas de obras bi e tridimensionais pertencentes à exposição, complementando a informação tátil do item anterior;
- Objetos sensoriais manufaturados referentes a obras da mostra, como objetos de arte popular, estátuas de gesso e as flores de papel do Barroco, exemplos de xilogravuras, etc;
- Réplicas de obras da exposição, como trabalhos indígenas (comprados

diretamente em uma aldeia indígena próxima da cidade de São Paulo), crânios, etc.

Foi realizado também um catálogo em braile com texto e imagens adaptadas, impresso pela Fundação Dorina Norwill. Infelizmente, esse catálogo ficou pronto apenas ao final da Mostra, tendo sido enviado a mais de 600 instituições que trabalham com cegos em todo o país.

Havia sido planejado também um catálogo em tinta, adaptado a portadores de visão subnormal e pessoas com limitações intelectuais e de linguagem. Mas, não foi possível executá-lo.

As visitas tiveram a duração prevista de 3 horas, o dobro do tempo da visitação para o público de escolas e de comunidades. Isto era exigido pela serenidade que deveria ser vivida pelo grupo, pelas necessidades de paradas que possibilitavam o uso do banheiro ou mesmo para um pequeno descanso. Três monitores acompanhavam cada grupo, permitindo vínculos mais próximos e intensos.

Áreas de recepção e de descanso haviam sido planejadas, mas não puderam ser concretizadas por problemas de infra-estrutura. Contudo, houve a possibilidade de uso do elevador em todos os prédios e acessibilidade às entradas com estacionamento e desembarque de ônibus e a disponibilidade de cadeiras de rodas.

A avaliação desse processo indicou a sua pertinência e adequação. Monitores e público se envolveram em encontros estéticos, sensíveis e instigadores, para que a arte pudesse contribuir para a compreensão maior do mundo e do ser humano.

Na Mostra do Redescobrimento no Rio de Janeiro e no Maranhão, algumas tentativas também foram feitas para esse atendimento. Psicóticos puderam se encantar com a exposição *Imagens do Inconsciente no Paço Imperial*, assim como em outras exposições. Entretanto, lá como aqui, percebemos que é preciso uma pesquisa e uma formação mais aprofundada para que os

resultados possam gerar outras ações, cada vez melhor fundamentadas e assistidas. Um trabalho profissional começa talvez aqui, a partir da experiência do Projeto Museu e Público Especial do MAC/USP, ampliada pela megaexposição oferecida aos olhos de todos os paulistanos e de outras cidades e estados que vieram especialmente.

Este processo encontra ainda maior diálogo nas atuais questões levantadas quanto a inclusão de portadores de deficiências em salas de aula convencionais. Muita polêmica tem sido levantada, pois ao mesmo tempo que a ruptura de preconceitos alcança sua visibilidade maior, ficam visíveis também as faltas conceituais e práticas dos que lidam diretamente com esse tipo de problema. Não há ainda estudos, pesquisas e formação suficientes que possam subsidiar o trabalho adequado e eficiente. Mas, a mudança de paradigma frente aos portadores de deficiência desvelada por essas ações, só pode mesmo iniciar sua caminhada teoricamente fundamentada a partir de práticas vividas e refletidas. Há ainda preconceitos a serem vencidos, sem cair em piedade ou repulsa, em sentimentos de exclusão ou estranhamento.

O atendimento de públicos especiais em exposições culturais pode contribuir também para essa discussão, afinando ações com educadores e instituições para que as diferenças possam ser compreendidas e respeitadas, ampliando nossa percepção de que elas nos enriquecem na compreensão das subjetividades, das diversidades e da arte como aspecto integrante do ser humano.

## Bibliografia

- MARTINS, Mirian Celeste F.D. *Mediação: tecendo encontros sensíveis com a arte*. In: *Arteunesp*. São Paulo, v. 13, p.221-234, 1997.
- MUSEU de Arte e Público Especial. *Anais do X Encontro Nacional da ANPAP*. São Paulo, v.2, p.17-19, novembro de 1999.

PICOSQUE, Gisa, GUERRA, Maria Terezinha Telles. *A língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998. v.1.

TEIXEIRA COELHO, José. *Dicionário Crítico de Política Cultural: Cultura e*

*Imaginário*. São Paulo: FAPESP e Iluminuras, 1999.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. *Museu de Arte e Público Especial*. São Paulo, 1999. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Arte/LTSP.